

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular** de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 192. DO GRAMADO AOS ARQUIVOS

Precisamente há vinte e cinco anos (1963), tive oportunidade de participar, no Rio de Janeiro, de um congresso promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comemorativo do bicentenário, que então transcorria, da transferência da capital do Brasil da Bahia para o Rio de Janeiro. O que representou essa importante reunião encontra-se espelhado nos alentados volumes dos respectivos anais. Um dos pontos altos da programação do congresso foi a recepção oferecida pelo casal Ana Amélia/Marcos Carneiro de Mendonça, em sua suntuosa residência no Cosme Velho. Inesquecível noite! À qualidade excepcional da recepção, aliaram-se reais momentos de finíssima arte com a participação do magnífico conjunto câmara de Roberto de Regina.

Já conhecia Ana Amélia pelo menos de vinte anos antes, época em que tinha a meu cargo a seção de Ensino do antigo “Correio Paulistano”, quando me foi dado o privilégio e o prazer de entrevistá-la, no Rio de Janeiro, a propósito de importante obra que a ilustre dama vinha realizando com a Casa do Estudante do Brasil. Por diversas vezes, a **Nota Pedagógica**, que escrevia diariamente para o velho órgão da Imprensa paulistana, ocupou-se de seu trabalho, o que nos propiciou correspondência relativamente freqüente. Além de ilustre dama da sociedade carioca, era Ana Amélia poetiza de fina sensibilidade, com diversos livros publicados.

Quanto ao seu esposo, só o conhecia de nome e pelos seus importantes trabalhos sobre a história do Brasil no século XVIII, notadamente a era pombalina. E também pela lembrança de um dos pioneiros do futebol em nosso País, ao tempo do amadorismo, quando foi goleiro (“goal-keeper”, como então se dizia) do Fluminense. Embora não durasse muito a fase futebolística de sua vida, conservou, contudo, ao longo dos

muitos anos que viveu, um acentuado interesse pelo esporte e pelo seu querido Fluminense. Tanto, que a notícia de seu falecimento, há cerca de um mês, foi registrada com grande destaque pela Imprensa, mas na seção de futebol, embora dele estivesse desvinculado há mais de setenta anos... A “manchete” que um dos jornais estampou foi significativa: “Flu chora seu elegante Marcos”. E a esse título seguia-se uma boa notícia, inclusive de sua obra de historiador e de homem de empresa, ligado a empreendimentos siderúrgicos.

Este homem admirável, que um dia trocou o gramado pelos arquivos, tornando-se um dos grandes historiadores brasileiros, membro assíduo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e com trabalhos fundamentais para o conhecimento de uma boa porção da história de nosso País, encantava a todos pela distinção e fidalguia, manifestadas de início na recepção que recordei, e continuadas nas diversas outras vezes em que tive oportunidade de encontrá-lo. O velho Marcos merece outra nota. 23-11-1988.

\*

### 193. AINDA O VELHO E ELEGANTE MARCOS

Depois da linda festa de 1963, que recordei em nota anterior, tive outras oportunidades de visitar Marcos Carneiro de Mendonça, comprazendo-se ele sempre em mostrar a todos que o visitavam a riqueza que abrigava sua casa em matéria de obras raras e, especialmente, de documentação do mais alto interesse para o período de que cuidava, qual seja o Brasil setecentista. Divulgou muitas peças de seu valioso acervo. E não só com relação à Amazônia na era pombalina, mas igualmente com referência às Minas Gerais, particularmente à obra de Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá, o “Intendente Câmara” (como ficou conhecido), que foi intendente geral das minas dos diamantes no fim do século XVIII, “um dos homens que mais e melhor souberam concorrer para a fixação de nossa nacionalidade, criando desde a sua chegada à Demarcação Diamantina, que até então só fora administrada por portugueses, um vigoroso núcleo de brasilidade”, como escreveu Marcos no prefácio ao alentado volume que dedicou ao “Intendente Câmara”.

Apresentado originalmente ao Segundo Congresso de História, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1931 e publicado nos respectivos “Anais”, o importante trabalho de Marcos Carneiro de Mendonça foi reeditado duas vezes, com o texto revisto e a documentação posta em linguagem atual para maior facilidade de leitura. Constitui, inegavelmente, peça básica para a história da ciência em nosso

País. A última edição integrou a preciosa coleção “Brasileira”, da Companhia Editora Nacional, volume 301, de 1958.

Muitos anos depois, encontramos-nos algumas vezes na velha Franca do Imperador, nas saudosas “Semanas da História”, promovidas pela unidade francana da Unesp, ao tempo em que a dirigia o professor Manuel Nunes Dias e das quais, pelo menos nos primeiros anos, Marcos Carneiro de Mendonça foi freqüentador assíduo. Carregava já, na época, o peso da viuvez, pois Ana Amélia falecera em março de 1971. A perda da esposa marcou-lhe profundamente a existência, não mais tirando a roupa de luto que bem o caracterizou nos últimos anos de sua vida. Mas, não deixou, por isto, de ser o bom companheiro, tanto nas sessões de estudos das reuniões francanas, como nos jantares a que íamos após os trabalhos. Seu estado de saúde impediu-o de comparecer às últimas “Semanas” de Franca, como o impediu também de comparecer a reuniões da própria cidade em que sempre viveu.

Coisas do condicionamento, para encerrar esta nota em memória do bom amigo. Numa das últimas vezes em que o ouvi discursar, chamei a atenção de alguém que estava a meu lado para algo que me pareceu significativo: a gesticulação que Marcos punha em seus discursos tinha muito da de um goleiro defendendo sua área das bolas adversárias... Era o jovem e elegante “goal-keeper” que ficou no velho e ainda elegante historiador, que vem de desaparecer aos 94 anos de idade... 30-11-1988.

\*

#### 194. RECORDANDO NORALDINO LIMA

Em 1925, Fernando de Melo Viana, então presidente do Estado de Minas Gerais, empreendeu uma excursão ao trecho mineiro do vale do São Francisco, mais precisamente de Pirapora a Januária. A importante região começava a despertar o interesse do governo mineiro no sentido de seu melhor aproveitamento e parece ter sido este o objetivo da viagem, realizada no “Wenceslau Brás”, na época o melhor e mais moderno navio dentre os que singravam o grande rio.

Como de praxe, brilhante comitiva acompanhou o chefe do governo mineiro. Integram-na, entre outros, Juscelino Barbosa, que havia sido prefeito de Poços de Caldas no início do século, e Noraldino Lima, na época diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais. A este coube descrever a viagem, em artigos publicados em “O Minas Gerais”, e depois reunidos em livro. Era Noraldino Lima uma grande inteligência mineira de então. “Doublée” de intelectual e homem público, deixou brilhante folha de serviços ao seu Estado. Mais tarde, no governo de Olegário Maciel, ocuparia

uma das Secretarias do Estado. Lembro-me bem (pois na época vivia em Juiz de Fora) de que, por ocasião do falecimento do presidente Olegário, em setembro de 1933, o nome de Noraldino era um dos mais cotados para o cargo de Interventor federal nas Alterosas. É sabido que, com a Revolução de 1930, quando todas as unidades da Federação foram submetidas à intervenção federal, Minas Gerais constituiu a única exceção. O velho Olegário Maciel, que assumira o governo naquele mesmo ano de 1930, fora mantido no poder, conservando suas prerrogativas presidenciais, enquanto todos os outros presidentes e governadores foram depostos e substituídos por loco-tenentes do governo provisório de Vargas, situação que se prolongou até a promulgação da nova Constituição, o que só ocorreu em meados de 1934.

Mas, voltando a Noraldino. Não era chegada ainda a vez de governar seu Estado. Isto só ocorreu muito mais tarde, com a crise surgida após a queda de Vargas em 1945, quando o ilustre homem público ocupou o poder apenas nos últimos dois meses de 1946. Natural de São Sebastião do Paraíso, onde nascera em 1885, faleceu no Rio de Janeiro, em 1951.

Mas, além de político, foi Noraldino Lima excelente escritor, tendo pertencido à Academia Mineira de Letras. Aos seus numerosos livros, em prosa e verso, acrescentou-se, em 1925, **No vale das maravilhas**, no qual registrou as impressões da viagem que realizou ao São Francisco em companhia de Melo Viana. Livro de cuja existência — confesso — sequer suspeitava, e que me foi revelado pelo prezado amigo dr. Leibnitz Tavares Hovelacque, de Poços de Caldas, que teve a gentileza de m'ó ceder para que eu o lesse durante os dias em que, há pouco, permaneci na bela estância mineira. Dele me ocuparei em próxima nota. 8-3-1989.

\*

## 195. PELO RIO SÃO FRANCISCO

É enorme a bibliografia sobre o Vale do São Francisco. Quem se dispusesse a arrolar o que sobre o grande rio já se escreveu, organizaria um volume de razoável dimensão. Desde as obras clássicas de Liais, Halfeld e Teodoro Sampaio, até estudos mais recentes, como os de Moraes Rego, Geraldo Rocha, Jorge Zarur, Orlando de Carvalho, Wilson Lins, entre outros. Na grande maioria, são livros técnicos e científicos, tratando da geologia ou das possibilidades econômicas do extenso vale. Alguns deles, contudo, descrevem a viagem, como, por exemplo, o de Orlando de Carvalho, publicado em 1937 na prestigiosa coleção "Brasiliana". Perguntei-lhe certa vez porque não reeditava seu livro. Respondeu-me sabiamente que, para tanto, precisaria fazer nova viagem, e isto não estava nas suas

cogitações. De fato, os relatos de viagem são facilmente superados, tais as transformações por que passam as regiões descritas. Transformações, infelizmente, nem sempre para melhor, como é precisamente o caso do São Francisco, região que bem conheço, pois também tive oportunidade de percorrer todo o seu vale, quando isto era possível.

A essa bibliografia acrescento agora o livro de Noraldino Lima, ao qual me referi em nota anterior. Publicado em 1925, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, tornou-se bastante raro. Reúne os artigos publicados em "O Minas Gerais", logo após a excursão realizada pelo autor em companhia de Melo Viana, então presidente do Estado de Minas, no trecho compreendido entre Pirapora e Januária. Livro de pouco mais de duzentas páginas, mas em formato pequeno, que se lê num fôlego. E abordando aspectos significativos da vida do grande rio, desde problemas de navegabilidade e descrições das diversas povoações ribeirinhas, até os aspectos humanos das populações que as habitavam. E, encerrando, uma poética descrição de um crepúsculo no rio.

Encerra-se o volume com uma entrevista do próprio Melo Viana a um jornal do Rio de Janeiro, na qual falou se seu entusiasmo pelo São Francisco e do seu programa para o melhoramento da riquíssima região. Programa vasto, mas infelizmente apenas teórico, jamais posto em prática. Meses depois, Melo Viana deixaria a presidência de Minas, na qual foi substituído por Antônio Carlos, mas o grande Andrada não demonstrou pelo "Velho Chico" o mesmo entusiasmo de seu antecessor. O que se viu, ao contrário, foi o abandono e a conseqüente deterioração do rio. O título que lhe deu Vicente Licínio Cardoso, de "rio da unidade nacional" (retomado por Orlando de Carvalho para seu livro), é lindo, mas pouco corresponde ao seu passado histórico e, menos ainda, à sua realidade presente.

Lembre-se, apenas de passagem, que Melo Viana, após seu governo nas Alterosas, tornou-se o vice-presidente da República no quadriênio de Washington Luís, de 1926 a 1930, quando foram, ambos, depostos pela revolução que em outubro deste último ano eclodiu no País. Exilado, viveu dois anos na Europa. Retornando ao Brasil, voltou à vida política como senador pelo seu Estado, participando da Constituinte de 1946. Faleceu na antiga Capital Federal, em 1954. 15-3-1989.

\*

## 196. RETRATO DA PARAÍBA

O transcurso, há pouco, do quarto centenário da Paraíba ensejou a publicação por parte do governo daquele Estado de um vasto programa editorial constante de material de primeira qualidade para o melhor

conhecimento não só da Paraíba propriamente dita, mas de todo o Nordeste. Tive o privilégio de tomar contacto com boa parte desse programa editorial graças à gentileza do preclaro amigo e colega, professor José Octávio de Arruda Mello, a quem o governo paraibano atribuiu a coordenação do que se editou. Contou José Octávio com uma equipe de excelentes colaboradores, sendo de se registrar os nomes de Evandro Nóbrega, Wellington Aguiar e Gonzaga Rodrigues.

Dentre o muito que se publicou, gostaria de dar um destaque especial ao belo volume **Capítulos da História da Paraíba**, alentado tomo de cerca de setecentas páginas. Trata-se de obra coletiva, coordenada pelos referidos escritores e na qual colaboraram mais de uma centena de expressivas figuras da cultura paraibana. Constituem o livro quatro grandes partes: 1. O processo histórico paraibano (com 57 capítulos); 2. Estudos especiais (econômicos, sociais, culturais, com 32 capítulos); 3. Das Instituições Paraibanas (com 11 capítulos); e 4. No rastro de uma cidade, esta, particularmente sobre a capital (com 10 capítulos). Tudo isto, além de uma introdução de cinco capítulos. Enfim, 115 capítulos, abrindo o mais variado leque para que se possa oferecer um retrato do Paraíba.

Ao apresentar o volume, o senhor Secretário da Educação do Estado paraibano ressaltou o quanto esta obra poderá ser útil às escolas de primeiro e segundo graus, “bem como ao grande público”. A história que nele se condensa — diz, ainda, o prefaciador — “não é a do passado, por meio de datas e ‘barões assinalados’, mas a do futuro através da análise vigorosa e crítica de nossas estruturas. Ela é um somatório que, iluminando o presente, antecipa o futuro que somente sobreviverá mediante eliminação dos pontos de estrangulamento, a seguir esboçados”.

Cumprе lembrar, entretanto, que os **Capítulos da História da Paraíba** não dispensaram as datas e nem os “barões assinalados”, sem os quais a história não se localizaria nem no tempo e nem no espaço. Mas, foram empregados adequadamente, sem o quase inevitável cansaço do leitor, que sempre ocorre em obras desta natureza. Não sei de outro Estado do Brasil que possa oferecer, num só volume, obra tão significativa, a constituir verdadeiro “retrato” do pequenino Estado do Nordeste. Como seria bom se isto pudesse servir de exemplo a outras unidades da Federação, a começar por São Paulo, onde não se consegue encontrar um livro sequer que apresente o seu retrato. 18-1-1989.

## 197. DE SÃO PAULO AO PARANÁ NO SÉCULO PASSADO

Em 1844, três jovens paranaenses, estudantes da Academia de Direito de São Paulo, empreenderam um passeio ao Paraná, na época ainda

pertencente a São Paulo, como **Comarca de Curitiba**. Um dos excursionistas Salvador José Corrêa Coelho, descreveu a viagem, publicando o respectivo relato 16 anos mais tarde, portanto em 1860. Volumezinho de 87 páginas, impresso em São Paulo pela Typographia da Lei, na rua do Jogo da Bola, nº 5. Esta rua “do Jogo da Bola” é a que atualmente se denomina Benjamin Constant, e que estabelece ligação entre a Praça da Sé (na época ainda não existente) e o Largo de São Francisco.

Mais de um século depois, em 1966, fez-se, por iniciativa do Instituto Histórico Paranaense e aos cuidados da Livraria Kosmos Editora, uma reedição fac-similar, limitada apenas a quinhentos exemplares, do curioso e raríssimo relato da excursão dos três jovens paranaenses. A esta reedição, Newton Carneiro antepôs prefácio advertindo o leitor quanto ao interesse do livrinho. Boa parte da viagem foi feita por regiões das quais praticamente não existem descrições, ou seja o litoral de São Paulo e do próprio Paraná. O passeio foi circular: foram por um caminho e voltaram por outro. Na ida, seguiram a rota costeira, descendo a Santos e alcançando Paranaguá, via Itanhaem, Peruíbe (que mal existia), Iguape, Cananéia. De Paranaguá foram a Morretes e subiram a serra até Curitiba, donde foram a Lapa (então mais conhecida por “Príncipe”), terra natal do autor do relato. Na volta, tomaram a rota dos tropeiros que de São Paulo demandavam o Sul do País: Palmeiras, Ponta Grossa, Castro, Itararé, para alcançarem São Paulo via Itapetininga e Sorocaba.

Adverte o sr. Newton Carneiro que o relato do jovem paranaense vem todo entremeado — como de hábito na época — com numerosas citações literárias, nas quais se alternam Ovídio, Dante Alighieri, Camões, e às vezes alusões folclóricas ou frases de incrível pieguice, que chega a tornar insuportável a leitura. Recomenda mesmo que o leitor salte essas divagações a fim de melhor poder saborear os registros interessantíssimos que o livro contém sobre o que o autor observou na viagem: descrições geográficas, aspectos humanos, condições econômicas das regiões percorridas e até referências históricas, como, entre outras, a relativa à revolução que em 1842 eclodiu na Província de São Paulo.

No tempo decorrido entre a viagem e a publicação do livro — quase vinte anos —, ocorreu algo muito significativo para o Paraná: a sua emancipação de São Paulo, tornando-se, a partir de 1853, uma província autônoma. O autor não se conforma com o nome **Paraná** dado à nova província imperial, preferindo que ela continuasse se chamando **Curitiba**, como no tempo em que pertencia a São Paulo. 22-2-1989.



